O BEIJO DE CHARLES FOURIER: A UTOPIA DE UM GÊNIO ESQUECIDO

Marco Antonio Rossi[1]

RESUMO

Charles Fourier (1772-1837) é um autor quase esquecido de uma rica tradição de ideias. O chamado socialismo utópico – uma designação que se tornou popular muito depois de seus escritos – deve-lhe os tons pioneiros da crítica ácida à civilização burguesa. Fourier dirigiu sua excentricidade intelectual contra a mesquinharia de um mundo que põe tudo e todos à venda e a preços baixos, recuperando a coragem que tanta falta tem feito nestes tempos de acomodação de velhos ideais e refluxo dos corações revolucionários. Fourier, portanto, merece, a bem das utopias que estão por vir, uma visita tão crítica quanto apaixonada.

PALAVRAS-CHAVE

Utopia. Socialismo. Amor.

ABSTRACT

Charles Fourier (1772-1837) is an almost forgotten author from a rich tradition of ideas. The so-called utopian socialism – a designation that became popular long after his writings – owes to him the pioneering tones of acidic criticism

[1] Doutorando em Sociologia ela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

of bourgeois civilization. Fourier directed his intellectual eccentricity against the pettiness of a world that puts everything and everyone on sale and at low prices, recovering the courage that has been so lacking in these times of accommodation of old ideals and reflux of revolutionary hearts. Fourier, therefore, deserves, for the sake of the utopias to come, a visit that is as critical as it is passionate.

KEYWORDS

Utopia. Socialism. Love.

Uma vida ímpar na Era das Luzes

François Marie Charles Fourier nasceu em Besançon, pobre e muitíssimo atrasada cidade francesa, em 1772. A cidade, assim como extensas áreas da França, da Espanha e de Portugal, mantivera-se fechada a toda influência nascida das grandes transformações sociais, políticas e culturais trazidas pelo Iluminismo do século XVIII, fato que nutriu uma perene atmosfera de conservadorismo e catolicismo nos seus lares tradicionais e no modo como tudo que ocorria na região era conduzido. À época, com não mais do que 35 mil habitantes, a terra natal de Fourier era eminentemente alçada sobre a propriedade agrícola, cujas maiores proporções pertenciam, é claro, a Igreja Católica.

Filho de uma das poucas famílias ricas, ligada ao comércio e proprietária da mais bela casa na mais importante rua de Besançon, Fourier herdou do pai o nome e as atividades comerciais, antes de completar dez anos de idade. Fourier, o filho, entretanto, odiava o comércio e passou a condená-lo tanto quanto ao extremo conservadorismo da mãe e da educação que a matriarca passara às suas quatro irmãs.

Charles Fourier, durante a juventude, ensaiou as carreiras de Engenharia e Direito, mas acabou forçado a tocar os negócios da família. Não obstante toda a repulsa que nutria pelas atividades comerciais, sobrou-lhe pouca alternativa, na medida em que as pressões domésticas nunca cessavam. Conduzido ao alistamento militar aos 21 anos de idade, lutou contra as hostes monarquistas francesas que se insurgiram contra a República, delas se tornou prisioneiro e, mais

tarde, em tempos de paz nas fronteiras internas de seu país, foi também enviado às trincheiras alemãs para propaganda das forças republicanas vitoriosas. Daí em diante, tudo mudaria radicalmente na vida e no pensamento do autor da *Teoria dos Quatro Movimentos*.

Tendo perdido boa parte de seus negócios no comércio por causa dos confiscos e dos extravios de mercadorias, Fourier não podia mais, aos vinte e poucos anos, voltar às atividades de circulação de mercadorias. Resolveu, pois, ingressar na vida de escritor, em relação à qual teve de enfrentar um desafio que o acompanhou por toda a vida: encontrar patrocinadores e editores para as suas obras.

Dono de uma vida extremamente incomum, com hábitos considerados exóticos e intrigantes, a obra de Charles Fourier também é alucinante, no melhor dos sentidos que se podem atribuir a essa expressão. Conquanto não tenha conquistado a simpatia dos financiadores de escritores e críticos da realidade social, o autor de *Novo Mundo Amoroso* coligiu verdadeiras legiões de fãs e seguidores – quase discípulos! – durante a vida e depois dela. Um pouco sobre a obra desse gênio tão mal compreendido do pensamento socialista (designação que o próprio Fourier rejeitava) é o que será exposto nas próximas linhas. Fourier, não obstante todos os seus esforços para construir uma alternativa viável e mais humana ao capitalismo, morreu em 1837, sem êxitos práticos, mas vitorioso ao instaurar-se definitivamente na tradição das ideias rebeldes e ao permitir espraiar-se, nos séculos seguintes, uma renovada energia nas esquerdas e nas lutas sociais em defesa da justiça e da liberdade.

Uma obra a ser revisitada

O pensamento de Fourier é realmente desconcertante. Isso para não dizer que nosso autor utópico (outra designação que Fourier abominava) era afeito aos mais obscuros devaneios. O grande pensador marxista Henri Lefebvre, estudioso e admirador confesso da obra de Fourier, diz que algumas de suas intervenções são "simplesmente ridículas". Há, assim, algumas descrições horripilantes e escandalizadoras em toda a obra do autor de *A Falsa Indústria*, como as que fazem alusão a "jatos de gozo cósmico", "orgias de libertação amorosa" etc. Para além das excentricidades e dos devaneios, há em Fourier, contudo, uma obra viva, de imensa importância para a crítica daquilo que ele mesmo denominou como sendo a "civilização", etapa da vida humana representada pelo modo de

produção capitalista, no qual estavam expostas as maiores repressões contra a liberdade dos indivíduos e das comunidades humanas.

O caráter essencial e explícito da "civilização" capitalista era sua artificialidade, seu visível desvio em relação a tudo que fora promessa nos desdobramentos que desencadearam e firmaram historicamente a Revolução Francesa. No lugar da liberdade, da fraternidade e da igualdade tão propaladas, o que de fato se fixou foram maciças formas de opressão aos desejos e sentimentos humanos, os quais, para Fourier, eram a própria substância da vida, aquilo a que chamou "paixões".

O total desencanto de Fourier pela Revolução Francesa e pela constituição das estruturas sociais da chamada "civilização", levaram-no a acreditar que a revolução não se daria pela força nem pela tomada do poder. O que levaria a uma consubstancial transformação da sociedade – um modelo de vida comunitária que incentivasse as "paixões" e permitisse aos homens criar uma alternativa original e fraterna de sociedade, designada como "organização societária" – era o *exemplo*, a boa conduta, o bom combate. Uma "organização societária" em que homens e mulheres pudessem, pois, desenvolver formas de vida mais justas e racionais deveria partir do combate às moralidades burguesas e aos princípios modernos extremamente equivocados de progresso – tudo isso estaria levando a sociedade a autoenganos e desvios que poderiam ser obstáculos intransponíveis para a verdadeira felicidade, na qual os protagonistas deveriam ser os desejos, o ímpeto sexual liberto e a solidariedade em todas as suas possíveis e impossíveis dimensões.

O grande exemplo elaborado por Fourier para que servisse de semente para o ingresso da humanidade numa *Nova Era*, suplantando de vez a "civilização" artificial e opressora do modo de produção capitalista, foi o *falanstério*. Essa comunidade ideal seria composta de um número bastante restrito de pessoas, equilibrando-se entre habitantes dos gêneros masculino e feminino, idosos e crianças, com tarefas distribuídas de modo equitativo e com uma estrutura de tomada de decisões e reservas de apelo moral que não inibisse de modo algum as "paixões" humanas. O sucesso dos falanstérios permitiria que humanidade os adotasse como forma de "organização societária" mais elevada.

Fourier – em um de seus claros exercícios de devaneio e excentricidade – chegou a delimitar o número real de habitantes que deveria ter cada falanstério: 1620, totalizados por 415 homens adultos, 395 mulheres adultas, 810 crianças. A distribuição da riqueza socialmente produzida, para Fourier, também deveria

obedecer a alguns critérios estabelecidos previamente: o capital investido (4/12), as tarefas práticas realizadas (5/12) e o talento e os conhecimentos demonstrados e comprovados pelo grupo (3/12). Já o dinheiro, este circularia livremente ensejando o bom desenvolvimento de toda essa estrutura econômica e de divisão social do trabalho.

Ainda que um tanto quanto exageradas e presunçosas, as teorias de Fourier sobre a organização dos falanstérios possuíam o indubitável mérito de se contraporem radicalmente à vigente organização capitalista da sociedade, em que, acima de tudo, estavam em xeque as verdadeiras, mais importantes e nobres características humanas, as "paixões".

Em nome dessas "paixões", Fourier nunca hesitou em propor alternativas, travar sérios e polêmicos debates com – e contra, sobretudo! - a sociedade de seu tempo. Por conta dessa audácia e de uma inegável coerência com seus princípios de libertação dos desejos humanos, o autor de *O Descaminho da Razão* foi severamente rejeitado e criticado, exilado no mais profundo esquecimento por pensadores e militantes da própria tradição do pensamento socialista que se seguiu após a sua vida e o seu tempo histórico.

Mas, afinal, o que eram as "paixões", quais suas características, o que havia nelas que despertava tanto a imaginação e o combate de Fourier?

As paixões: a verdadeira substância da condição humana

Foi em *O Descaminho da Razão* que Fourier apresentou o que compreendia pelas doze paixões humanas.

Num primeiro momento, as "paixões" circunscreviam-se aos sentidos: olhar, ouvir, degustar, cheirar e tocar. Cuidar desses sentidos – as cinco primeiras "paixões" humanas - e aperfeiçoá-los, dando-lhes condição social para total vazão, era mais do que uma obrigação de cada ser; tratava-se de uma necessidade que, não satisfeita, comprometeria todo o desenvolvimento das demais "paixões", mais complexas e ainda mais indispensáveis ao pleno desenvolvimento das liberdades humanas.

Enquanto as "paixões" dos sentidos são enormemente prejudicadas na "civilização" em decorrência de os homens serem obrigados a viver em cidades feias e fétidas, alimentarem-se muito mal e – visto da perspectiva atual, num exercício meu de pura abstração em relação ao pensamento de Fourier – consumirem

bobagens de toda a sorte nos campos da música, da arte e da cultura em geral, as "paixões" universais, as quatro "paixões" seguintes (amizade, amor, ambição e familismo), padecem de um total fetichismo moral de que são vítimas os sujeitos sociais na "civilização".

Se para Marx era pela ideologia que os homens acabavam tendo suas visões de mundo distorcidas e embaçadas, para Fourier, numa prática de aproximação e de alusão virtual ao conceito que mais tarde o autor de *O Capital* viria a desenvolver melhor que ninguém, era a moral que se incumbia de tal tarefa. A moral da "civilização" impedia quase por completo que os indivíduos se relacionassem com autonomia e riqueza com as demais pessoas. Essa relação, marca das "paixões" de amizade, ambição, amor e familismo, era a síntese das práticas de humanismo.

No topo das "paixões", tanto em complexidade quanto em indispensabilidade, estavam as de tipo distributivo, ou seja, aquelas que faziam a mediação entre as tensões individuais e a vida em grupo. Constitui-se, por assim dizer, nos instantes e momentos em que o indivíduo transcende a si mesmo e percorre os caminhos que o integram ao grupo social a que pertence, devendo-lhe prestações, cuidados e justificativas de toda a sua atuação como ser social. As "paixões" distributivas são: a compósita, a borboleta e a cabalística.

A "paixão" compósita baseia-se no entusiasmo, na entrega a uma causa, a algo que transcenda os interesses e paixões meramente pessoais. Nesse sentido, o caráter compósito de uma determinada paixão é efetivamente o elo entre o indivíduo e a sociedade, as barras de contenção do egoísmo e do egocentrismo exacerbado. Já a "paixão" borboleta é a da variação, a do ir de "flor em flor", um contrapeso ideal à paixão compósita. Em sendo assim, para que o indivíduo não se entregue cega e irracionalmente a causas que anulem ou mesmo prejudiquem sua identidade pessoal (necessária para que não caia em poços de passionalidade e dogmatismos), as "paixões" compósita e borboleta devem estar sempre em harmonia, perfeito equilíbrio. É claro que, para Fourier, esse necessário e vital equilíbrio vai depender quase exclusivamente do tipo de sociedade em que vivem os indivíduos, do tipo de prioridade que será socialmente construído. Nem egocentrismo, nem voluntarismo, as "paixões" distributivas requerem bom-senso e serenidade. Correspondem, pois, a toda uma trajetória de vida, com o desenrolar de suas etapas de enraizamento e desenvolvimento, sua força de maturidade. Tudo isso só pode se dar, portanto, no curso da história, da experiência de vida em grupo e em sociedade.

A "paixão" cabalística, a décima segunda, é a do desejo "conspirativo", que leva o sujeito a se assumir como ser particular no interior de uma determinada coletividade: é fundamental para que o coletivo não anule as particularidades individuais (é o tom, a força e a dinâmica da própria coletividade).

Diferente da "paixão" borboleta, a cabalística é a consciência plena do indivíduo em sociedade, sua maturidade como ser individual e ser coletivo. Quando atinge a plenitude da "paixão" cabalística, o sujeito perpassa com tranquilidade e desenvoltura todas as formas de consciência - consciência de si, em si e para si -, superando os inevitáveis entreveros sempre causados por desequilíbrios presentes entre as "paixões" compósita e borboleta. Trata-se da experiência em sua forma mais abundante, de maior perfil de riqueza e sabedoria. Quantos de nós, seres frágeis, inquietos e cheios de dúvidas, seríamos capazes de atingir tão alto grau de consciência de nosso papel como indivíduos e sujeitos dinâmicos da História? Quantos? Para Fourier, portanto, a "paixão" cabalística se vincula muito mais a uma ideia do *vir-a-ser* do que propriamente a uma crença possível de que os homens poderiam atingir tal estado de equilíbrio e sabedoria. Talvez numa sociedade de outro tipo, pela qual Fourier tanto se expôs e lutou, isso poderá ser efetivamente possível.

O indivíduo, para Fourier, muito embora demonstre e desenvolva de maneira sempre muito diferenciada e irregular cada uma de suas "paixões", é um ser total, e não uma compilação de fragmentos que se possam considerar isolados ou independentes. Para uma orquestração das "paixões", síntese tanto do ser social e quanto do ser particular, há a necessidade de levar-se em conta uma décima terceira "paixão", o *uniteísmo*, elemento de totalização das "paixões" que, dialeticamente, compõem toda a experiência do ser.

Amor, sublime amor

De todas as paixões, Fourier considera o amor a maior delas, a mais sublime e importante para o desenvolvimento dos desejos humanos, a fonte de sociabilidade e realização pessoal que mais sofre pressões, deformações e agressões pela moral da "civilização" burguesa. Em sua plenitude, o amor se divide em duas dimensões, que, ao mesmo tempo, se diferenciam e se complementam: as do corpo e da alma.

Ao corpo delimitam-se as sensações materiais e a intensidade dos prazeres sexuais. Já à alma ligam-se os sentimentos espirituais de indivíduo para indivíduo, do ser particular para o ser social.

Na seguinte passagem de seu pensamento, o teórico dos falanstérios exprime...

> "Os que se destacarem na capacidade de cultivar generosamente a paixão amorosa serão honrados pela comunidade a que pertencerem: receberão o título de 'anjos' e farão parte de um novo 'angelicato'. Tanto homens quanto mulheres serão respeitados em suas escolhas pessoais na vida amorosa, quaisquer que venham a ser as opções feitas; a coletividade, entretanto, prestará homenagens aos que se mostrarem mais dadivosos em suas atividades, porque o caminho das experiências múltiplas é o do aprimoramento individual e o da conveniência coletiva. É o caminho da felicidade corporal e o do fortalecimento do sentimento, da religiosidade" (Fourier apud Konder, 1998: 32).

A "paixão" amorosa, portanto, aparece como elemento de desenvolvimento individual e como fundamento de sociabilidade. Pelo amor, homens e mulheres partilham as mais importantes experiências, homenageiam-se, ganham destaque e visibilidade na vida comunitária.

É no amor também que aparecem alguns dos grandes devaneios de Fourier, um pouco de sua apreciação sobre a condição feminina e algumas das várias de suas inúmeras alusões às orgias como componente da liberdade humana...

> "Quando uma mulher estiver bem provida de todo o necessário amoroso, dispondo de plena liberdade, contando com a assistência de uma boa variedade de atletas materiais em orgias e bacanais, tanto simples quanto compostas, então ela poderá encontrar em sua alma uma ampla reserva para as ilusões sentimentais" (Fourier apud Konder, 1998: 32).

Prazeres materiais e sensações espirituais, como qualquer aspecto da teoria do autor de *Teoria dos Quatro Movimentos*, não se realizam separadamente, mas,

sim, em relação de reciprocidade e complementaridade. Nessa tensa composição entre as delícias da carne e a necessidade de surgimento de um ser espiritualmente bem-acabado, eleva-se, no plano da teria *fourieriana*, a categoria do desejo, a qual se opõe de modo contumaz à ideia do prazer como consumo, estímulo primordial da "civilização" e da moral burguesas.

Há nítidas discrepâncias entre o prazer proporcionado pela "paixão" amorosa e as sensações de suposto bem-estar ligadas à prática do consumo materialista, à louca corrida por posses de mercadorias e ornamento de ostentação artificial das identidades individuais.

Nesse sentido, o desejo aparece em franca oposição a toda espécie de consumismo incitada pela moral civilizadora burguesa, que corrompe o prazer, transfigurando-o em mero apetite consumista. O consumo, como prática de indivíduos que competem uns contra os outros na corrida para saber quem detém mais posses e mercadorias, fortalece o egoísmo das pessoas não só nas operações de compra e venda, mas também no plano da sensibilidade, das afeições. Numa palavra, o consumo se realiza contra o prazer alheio, contra a realização do amor como paixão maior. É nesse ponto, no desdobramento das perspectivas de Charles Fourier, que entra a questão dos valores éticos como alicerce da vocação eminentemente desejante da liberdade humana.

A ética deve sempre enfrentar a ansiedade do homem "civilizado", a qual corrompe a construção cuidadosa das paixões e inibe o pleno desenvolvimento das práticas prazerosas e das preferências materiais e espirituais de efetiva qualidade. Nesses termos, a ética aparece como força mediadora entre os desejos humanos e suas paixões, a fim de que possa o indivíduo exercer com tranquilidade as suas potencialidades naturais expressas no conjunto dialético das "paixões".

Fourier ilustra da seguinte maneira, com jocosidade e extremo bom-humor, a perversão dos valores "civilizados" na pressão que exercem sobre as práticas amorosas...

> "A ansiedade que reina na vida sexual dos civilizados tende a torná-los bisonhos na arte das carícias e os incita a apressar, canhestramente, o momento da penetração" (Fourier apud Konder, 1998: 71).

Independentemente dos devaneios e das excentricidades desconcertantes do pensamento de Charles Fourier, o que se pode notar com clareza ímpar em

sua obra é uma crítica ácida ao modo como a sociedade capitalista sustenta seus pilares culturais, conduz suas práticas morais, incita homens e mulheres à organização artificial de seus desejos, de sua vocação à liberdade. Muito mais do que isso: toda a obra do autor de *A Falsa Indústria* compreende rico material reflexivo sobre as diversas maneiras que a sociedade de classes tem de impor limites e fronteiras ao pensamento e à ação humanos. Há análises de Fourier que não caberiam num simples e modesto artigo, como a análise da evolução histórica das sociedades em suas "séries" e mesmo toda a complexidade dos termos e categorias que se expressam em suas noções de "paixão", "desejo", "sociedade ideal", a conquista da "Harmonia" etc. Ademais, contra toda forma de repressão, nosso exótico pensador também se impôs, desfazendo autoritarismos morais e prescrições à liberdade dos indivíduos e seres coletivos. Ao conservadorismo Fourier dirigiu todas as suas flechas, demonstrando como a maior parte de nossos valores sofrem de um enrijecimento moral e tosco sem tamanho. *Last but not least* acrescente-se à vitalidade de seu pensamento diante das agruras do nosso tempo uma saída para uma sociedade de tão injustas composições, de tão inibidoras feições e estruturas, de tão empobrecedoras experiências para a vida coletiva. Em Fourier estão preciosas pistas, pois, para a construção de um meio social mais justo e solidário, verdadeiramente humano e livre. Enfim, um autor que merece ser redescoberto pela inteligência crítica neste mundo de reprodução incessante da insensibilidade e do esquecimento.

RECEBIDO em 14/09/2320
APROVADO em 01/12/2023

REFERÊNCIAS:

BUBER, Martin. O socialismo utópico. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CLAEYS. Gregory. Utopia: a história de uma ideia. São Paulo: Edições SESC SP: 2013.

FOURIER, Charles. Oeuvres complètes. Paris: Anthropos, 2003.

KONDER, Leandro. Fourier: o socialismo do prazer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

KONDER, Leandro. História das ideias socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

TEIXEIRA, Aloísio (org.). Utópicos, Heréticos e Malditos: os precursores do pensamento social de nossa época. Rio de Janeiro: Record, 2002.